

UMBANDA

APRESENTAÇÃO DE SUA DOCTRINA E RITUAL

Walter Soboll

1 — ESCRAVIDÃO NO BRASIL E AS CULTURAS IMPORTADAS PELO NEGRO ESCRAVO

Já cedo, desde os primeiros tempos de sua colonização, sentiu o Brasil acentuada importação do elemento negro.

Arrancado com violência de seu torrão natal, não foi permitido ao negro levar bens materiais, o que levou a ser a sua cultura e a sua religião o principal traço característico transplantado para o Brasil.

O tráfico de escravos no Nôvo Mundo iniciou-se em 1502, quando um edito real permitiu o transporte de negros da Espanha à atual ilha de S. Domingos. Foi decretado, devido à influência do Padre Bartolomeu las Casas junto à Coroa espanhola, que a estimulou a autorizar o tráfico de negros, para substituírem os índios no trabalho da mineração e agricultura. Foi então que companhias espanholas, portuguesas, francesas, inglesas e holandesas inundaram as Índias Ocidentais com negros escravos. É evidente que também o Brasil foi atingido por semelhantes levas.

Os escravos eram distribuídos para as plantações de açúcar, de café, de algodão, de fumo, para os trabalhos de mineração e para os serviços citadinos.

Não se sabe, porém, exatamente quando entraram os primeiros negros no Brasil, pois não possuímos nenhum documento histórico, que nos relate algo. Sabe-se, entretanto, que na capitania de S. Vicente já trabalharam negros nos primeiros engenhos de cana de açúcar ali montados. Julga-se também que a caravela encontrada por Martim Afonso de Souza, na Bahia, em 1531, já tenha sido um dos mais tarde tão temidos navios negreiros.

A cultura de cana de açúcar, desenvolvendo-se rapidamente, trouxe como consequência uma grande falta de trabalhadores braçais. Para fazer face à situação, a Metrópole concedeu a cada senhor de engenho o privilégio da introdução de 120 escravos africanos. Foi assim que em 1538 chegou a primeira remessa direta de negros escravos.

Em 1585, segundo informações do Padre José de Anchieta, havia na colônia, para uma população total de 57.000 almas, 14.000 negros escravos, distribuídos pelas colônias agrícolas de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro. Durante os séculos XVI,

XVII e XVIII continuaram a ser introduzidos negros, oriundos da África, para substituírem no trabalho escravo aos índios, pois se prestavam melhor que os nossos silvícolas a tais tarefas. Donde provinham êsses negros introduzidos no Brasil?

E' difficil dar-se uma resposta concreta a essa pergunta, devido a falta quase que absoluta, de dados históricos.

Ao senhor de engenho não importava de que região da África era procedente o escravo. Interessava-lhe, isso sim, se o negro era forte, se se prestava ao árduo trabalho da lavoura. Como, porém, havia tipos mais desenvolvidos, mais fortes ou mesmo mais inteligentes, que se distinguiam dos restantes, passou-se com o correr dos tempos, a dar-se uma designação própria a cada tipo característico. Assim surgiram quatro designações populares, que passaram a indicar quatro grupos distintos: Nagô, Mina, Angola e Moçambique. Essas designações, por descreverem detalhadamente os traços dos diversos escravos, tornaram-se a chave dos historiadores, pois lhes permitiram indicar as regiões da África donde provinham os negros e as famílias etnológicas a que pertenciam. Sabe-se por aí, que no comêço do tráfico de escravos para o Brasil, a maioria de negros provinham da Angola, do Congo e da Guiné.

Nessa avalanche temos três grandes famílias etnológicas a distinguir:

A primeira: a do Sudão, subdividida em Nagôs, Gêges e Fanti-Achantis.

A segunda: a dos Sudaneses-Islamizados. Nela se enquadram os negros Haussás, Tapas, Mandingas e Fulatás.

A terceira: a dos Bantos compreendendo os Angolas, os Congos e os Moçambiques.

Entre êsses três grupos de negros, os sudaneses, vulgarmente conhecidos por Nagôs, eram os preferidos, trazendo como consequência, que fôsem importados em maior número. Além disso eram os mais inteligentes, fato que contribuiu para que a sua cultura e a sua religião se conservassem muito mais vivas do que a dos outros grupos.

Os sudaneses-islamizados, distribuídos principalmente pelas fazendas do Recôncavo Baiano, eram de vida privada e austera, o que contribuiu para que não se misturassem com negros de outra família etnológica. Êsses negros sudaneses-islamizados foram os principais responsáveis pelos levantes de escravos na Bahia, no século XIX.

Os negros do terceiro grupo, os bantos, eram mais fracos fisicamente que os sudaneses. Em compensação eram loquazes, indolentes e muito festeiros. Por isso eram preferidos para os trabalhos caseiros.

Esses negros, provenientes dos mais diversos pontos da África, não transplantaram, como é evidente, uma só cultura e religião para o Brasil. Pode-se hoje em dia, segundo estudos, falar de uma religião nagô, gêge ou banto. Elas não chegaram, porém,

puras ao Brasil, o que não é difícil de compreender-se, se observarmos por que meios e em que condições eram trazidas ao Brasil. Para facilitar nosso trabalho, daremos uma designação geral a tôdas: a de religiões afras ou africanas, não levando em conta as suas origens individuais.

Até aqui, os fatos históricos. Durante a apreciação sôbre a origem, doutrina e ritual de Umbanda, a que agora passaremos, encontraremos sempre de nôvo partes que poderemos conjugar com o que foi apresentado.

2 — ORIGEM DE UMBANDA

A religião de Umbanda, segundo seus próprios ensinamentos, proveio do velho monoteísmo da raça negra. Essa raça, de que fala a doutrina de Umbanda, já dominou o mundo. Naquele tempo, há muitos milênios, os negros possuíam centros religiosos no Alto Egito e na Índia. A sua organização social consistia numa teocracia absoluta, na qual os sacerdotes eram temidos como deuses. Os sacerdotes conheciam o princípio da unidade divina do Universo e o culto dos astros, enquanto que o povo se segurava ao fetichismo, sendo estas as duas únicas camadas sociais.

Tendo o dragão como escudo, inundaram o Sul da Europa, com suas armas de ferro, armaduras de bronze e os instrumentos de sua civilização. Os brancos foram vencidos, aprisionados e convertidos em escravos pelos negros, que os obrigaram a transportar minérios para os seus fornos.

Porém, nesse convívio com os negros, os brancos adotaram sua cultura e tiraram mais tarde sua desforra, expulsando-os da Europa. Onde se impuseram os negros, dominou o monoteísmo, um dos fundamentos da iniciação dos sacerdotes da raça negra. O predomínio dos brancos, porém, favoreceu o politeísmo.

Sem dúvida alguma, o historiador não pode levar a sério essa lenda. A Umbanda a enquadra em seu ensinamento doutrinário, com a finalidade de provar que sua religião é, no início, de caráter monoteísta. Essa característica básica, contudo, com o correr do tempo e principalmente por um povo, que estivesse dominando outro, de impor sua religião sôbre êste, desapareceu.

3 — OS ORIXÁS E AS LINHAS DE SANTOS

Os antigos cultos africanos puros, no seu ser e na fôrça de seus rituais, baseavam-se na invocação de orixás, que eram considerados espíritos superiores, deuses, enfim, senhores da natureza. Quase todos os orixás, segundo a crença nagô, foram criaturas humanas, mas criaturas humanas dotadas de poderes especiais, capazes de vencer ou governar as fôrças da natureza. Por isso, imortalizaram-se em formas divinas, sob a objetivação do mundo vivo ou inanimado.

Para se obter a graça de um orixá, é necessário homenageá-lo com cerimônias festivas, nas quais sejam celebrados os traços principais do seu temperamento e das suas inclinações. Os pon-

tos cantados, o ritmo dos atabaques, e o bater das palmas condizem com a natureza do orixá que se está celebrando.

Orixalá, Oxalá, ou Obatalá é o mais importante dos deuses intermediários. E' tido como orixá muito velho. Espécie de pai dos outros orixás e avô dos homens. Representa as energias criadoras da natureza, o princípio masculino e o princípio feminino. E' quem se encarrega de formar a criança no ventre materno. Esse fato faz com que se dirijam a êle as mulheres que desejam filhos. Há lugares no Brasil, em que Orixalá e Oxalá são tidos como duas divindades diferentes, com as propriedades de pai e filho. Nas toadas de Orixalá, todos dançam como velhos, com o corpo arqueado à semelhança de corcundas.

Sua indumentária é totalmente branca e seus animais de sacrificio são a cabra, a galinha branca e o pombo.

Seus pratos preferidos são o milho branco, o arroz e o mel de abelha. Seus fetiches são o anel de chumbo e búzios.

Xangô é um dos mais poderosos e atuantes orixás. E' o orixá dos raios, dos trovões e das tempestades. E' também conhecido por Jakuta, o que significa, lançador de pedras.

Conta-se de Xangô a seguinte lenda:

Em Oió, capital de Ioruba, reinava um soberano, que tiranizava seu povo com um governo militarista. Os habitantes de Oió estavam desgostosos, mas faltava-lhes a iniciativa para um levante. Foi quando Bêri, mais tarde chamado Xangô, invadiu Oió, fazendo proezas com seu povo. O povo nagô amedrontou-se com isso e o próprio rei curvou a cabeça diante do invasor. Assim Xangô assumiu o poder, passando os habitantes de Oió a obedecer-lhe. Nas guerras com povos vizinhos, os iorubas sempre saíam vencedores, devido às façanhas de Xangô.

No entretempo surgiram dois guerreiros, que aprenderam com Xangô a tática de guerra. Um dêles chamava-se Timim, e suas flechas eram como chamas. O outro era alto e forte e apelidado Eberí, o gigante.

Como consta, Xangô de boa vontade lhes ensinou a arte da guerra. Na verdade, porém, tencionava matá-los, pois temia sua concorrência na autoridade. Via, também, que cada dia se tornavam mais populares entre o povo ioruba.

Os dois guerreiros, depois de voltarem de uma emprêsa muito arriscada, desconfiarãem dos intuitos de Xangô e submeteram o seu procedimento à apreciação da assembléia da tribo.

Timim, revoltado, bradou a Xangô, que mandasse armar uma fogueira para os queimar vivos. A fogueira foi acesa. Contudo, os dois guerreiros saíram ilesos da prova, como também das subsequentes: a das brasas e a do azeite quente.

Diante de tal desmoralização, Xangô, sem que ninguém conseguisse saber como, desapareceu do meio das tribos estupefatas e não foi mais visto. Seu desaparecimento foi seguido de uma tem-

pestade incrível, com trovões e relâmpagos, que atemorizou os homens de Ioruba, fazendo-os exclamar: Xangô se tornou um orixá.

Xangô é orixá litolátrico. Seu fetiche natural é a pedra de raio, também chamada itá. Atribui-se à pedra meteórica uma origem divina. Os objetos de pedra são considerados armas de Xangô. A pedra do raio se devota todo o respeito, e sôbre ela deve correr o sangue dos animais de sacrifício.

Xangô é representado geralmente por uma figura humana, encimada por um machado de dois gumes, ou então por um pilão.

Seus animais de sacrifício são o boi, o galo, o carneiro, e o cágado, sendo suas côres simbólicas: o branco e o encarnado.

Ogun é um orixá muito popular. Sua popularidade pode ser equiparada a de Xangô. E' a divindade dos ferreiros, dos guerreiros, dos agricultores e de todos os que trabalham com instrumentos de ferro. E' simbolizado por apetrechos bélicos de ferro e várias ferramentas, inclusive as de uso agrícola. São as chamadas «ferramentas de Ogun».

Na Umbanda, Ogun tem grande importância guerreira. Dado seu caráter marcial, os homens em geral se sentem orgulhosos quando estão sob a sua proteção.

Seus animais de sacrifício são o bode e o galo e sua côr simbólica, o encarnado.

Oxóssi, também conhecido por Odé, é a divindade dos caçadores. E' o sultão, o maior dos espíritos caboclos, o dono das matas e o caçador incansável. Seu emblema é o arco atravessado por uma flecha. Nas danças em sua honra traz-se em uma das mãos um arco e flecha e na outra um tipo de espanador feito de cauda de boi. Seus animais de sacrifício são o porco, o boi, o galo e a galinha d'angola e o seu prato predileto, o milho cozido com fatias de côco. Sua côr simbólica é o amarelo.

Omolu, o médico dos pobres, a divindade das doenças, em especial da varíola, avisa aos seus filhos da aproximação de uma epidemia ou mesmo ajuda a curar certas doenças por intermédio da pessoa na qual se manifesta.

Um mito africano diz que Omolu tem uma perna atrofiada ou sêca, que o faz claudicar quando anda. Sua dança tem, como diz Pierre Verger, «a mímica dos sofrimentos, das doenças, das convulsões, das coceiras, dos tremores de febre e do andar de corcunda deformado». Seus animais de sacrifício são o galo e o bode. Gosta também de milho com azeite de dendê. Sua insígnia é um pequeno mastro, todo enfeitado de búzios.

Ibêji é o orixá dos gêmeos. Seu culto é muito popular. Por quase todo o Brasil é festejado como o patrono das crianças. Em sua honra é comemorada uma festa com um banquete oferecido especialmente às crianças.

Ibêji não tem pròpriamente um fetiche. E' em geral representado por duas pequenas imagens que representam gêmeos.

Seus animais de sacrifício são dois bodes, dois pombos ou dois frangos. Gosta também de caruru. Suas côres simbólicas são o verde, o encarnado e o amarelo.

Iemanjá, um dos principais orixás femininos, é a divindade das águas do mar. Goza de grande popularidade, o que demonstra sua festa anual envolvida de grande esplendor. Como é considerada mãe d'água, recebe todo ano, numa procissão marinha, seu presente, constando de pulseiras, colares, contas, vidros de perfume e sua comida preferida. Todos êsses presentes são guardados em uma panela de barro, a «panela de Iemanjá». No dia da procissão, formada por pequenas lanchas, essa panela, embrulhada em papel azul e branco e amarrado com fita da mesma côr, é levada para o mar aberto, onde, em seguida, é oferecida à divindade. A festa de Iemanjá é uma das maiores e mais concorridas, adquirindo em diversos lugares grande vulto.

Iemanjá tem a forma de sereia. Não tem, porém, as características perniciosas das sereias dos mitos europeus ou indígenas. Muito ao contrário, é de uma grande docilidade, é a causadora das pescarias fartas, das brisas amenas e da plácida volta à família. A sua dança requer o abebê, um leque em forma de crescente com uma estrêla no centro, na mão do que a executa e a imitação dos movimentos das águas.

Seus animais de sacrifício são o pato, a cobra, a galinha e sua comida preferida é o milho branco com azeite, cebola e sal. Suas côres simbólicas são o azul e o branco.

Iansã, também conhecida por Aloíá, é o orixá feminino dos ventos e das tempestades e protetor dos relâmpagos. E' considerada mulher de Xangô. Tem a propriedade especial de anular a influência dos espíritos dos desencarnados. Seu temperamento é autoritário e impulsivo. Quem não cumpre rigorosamente suas obrigações e determinações, chama sôbre si severo castigo.

Seus emblemas são a espada ou o alfange, que deve ser empunhado durante o estado de transe e agitado para enxotar os espíritos dos mortos, e o Eruixim, espécie de espanador de rabo de cavalo, que também serve para limpar o terreiro das almas dos mortos. Seus animais de sacrifício são a cabra, o porco, a galinha e o peru; seu fetiche o corisco e sua côr simbólica o rôxo.

Oxun, originalmente deusa das águas do rio africano Oxun, tornou-se no Brasil, na falta do rio, uma espécie de náiaide, divindade das fontes e dos regatos. E' o orixá hidrolátrico.

Oxun é uma deusa muito vaidosa e faceira. Preocupa-se com a sua beleza, com a graça de seu rosto, com o alinhamento dos seus cabelos, com os enfeites e com o que agrada e encanta.

Dos orixás femininos é talvez o que desfrute de maior popularidade. Chega mesmo a superar, por vêzes, a simpatia que se tem a Iemanjá. Ser filha de Oxun significa, para as mulheres que praticam a Umbanda, grande glória e grande motivo de orgulho.

Ao executar-se sua dança, segura-se o abebê na mão e se faz a mímica de quem se banha no rio, penteia os cabelos, alisa as faces, põe colares e pulseiras e olha no espelho.

Seu fetiche é uma pedra de rio. Seus emblemas são leques e pulseiras de metal. E' ainda simbolizada por caixas de pó de arroz, sabonetes, grampos, brincos, pentes e vidros de perfume.

Seus animais de sacrifício são a cabra, o bode, o paturi e a galinha. Sua côr simbólica é o amarelo.

Todos os orixás citados são conhecidos como os orixás maiores, que só baixam à terra por meio de legiões de subalternos, ou seja, pelos espíritos desencarnados dos pretos-velhos e dos caboclos. Uma das divindades, por uns considerada servo dos orixás, por outros como orixá prôpriamente dito, é **Exu**.

Existem diversos Exus, podendo ser bons ou maus.

Os maus são identificados com o diabo. São então dotados de poderes maléficos especiais. Como divindade mal-intencionada são utilizados por outras seitas, que não a Umbanda, para fazer os despachos ou ebós, trabalhos prejudiciais a alguma pessoa. Os despachos, que geralmente consistem de caveiras de animais, galinhas mortas, pipocas, mariscos, sal, moedas e outras coisas mais, quase sempre são colocados nas encruzilhadas ou nos lugares onde se supõe passar a pessoa visada, ou então, ao pé da gameleira branca ou de outra árvore à qual se atribui função sagrada ou mágica.

Com o mesmo fim malfazejo, Exu é, às vêzes, utilizado para fazer a mudança de cabeça, isto é, a transferência de um mal de uma pessoa a outra.

Nem sempre Exu é considerado como orixá do mal. Em alguns terreiros é tido como anjo rebelde, o espírito de um ser meio heróico e meio lendário, que ao tempo de sua vida terrena cometeu muitos desatinos, mas que prometeu não fazer mal nem perturbar a alegria dos humanos, contanto que fôsse sempre saudado em primeiro lugar. Dêsse modo serve sempre de intermediário, numa função diplomática, entre as criaturas humanas e os demais orixás. Por isso, em qualquer cerimônia religiosa, Exu é sempre cumprimentado em primeiro lugar com pontos cantados, que lhe são especialmente dedicados, e que correspondem a um pedido no sentido de que tudo corra bem e não haja perturbação, a fim de que os orixás baixem à terra para confraternizarem-se com os homens. Isso acalma Exu e faz com que êle se comunique com os orixás e lhes leve a mensagem das criaturas humanas, que consiste no pedido de que não demorem a descer.

Exu não vive no pegi, a área do altar, em meio às outras divindades. Vive em casinha separada.

Seu fetiche é, em geral, um boneco de barro prêto, quase sempre armado de tridente ou de sete espadas, com a bôca rasgada de canto a canto e olhos incrustados com búzios.

Seus animais de sacrifício são o bode e o galo. Suas côres simbólicas, o prêto e o encarnado.

Deve-se considerar, ainda, que Exu não se manifesta, no que se diferencia dos restantes orixás. Por isso não dança nos terreiros. A doutrina de Umbanda prega que há linhas de força, ou vibrações originais, sob as quais estão situados os espíritos desencarnados de caboclos e pretos-velhos. Comumente aceitam-se sete potências ou vibrações originais, que são as faixas vibratórias de origem e de afinidade dos seres desencarnados, que os influenciam segundo o grau de seus entendimentos e inclinações. Essas sete linhas, que no culto africano eram em número de cinco, tomam o nome do seu orixá.

Os seres desencarnados se movimentam sob o beneplácito, sob a proteção das vibrações espirituais dos orixás, em formas de legiões e falanges. Em outras palavras, os orixás são os chefes dessas falanges de caboclos e pretos-velhos.

4 — O RITUAL DE UMBANDA

Quem quiser ser umbandista ou ser considerado filho de Umbanda, não se pode esquivar da iniciação.

A iniciação é uma espécie de educação gradual, na qual o discípulo, instruído primariamente nas suas possibilidades por meio de uma exposição dogmática e hipotética, desenvolve em si por seus próprios esforços faculdades transcendentais, das quais não possuía antes senão o germe, como nos informa o Dicionário das Ciências Ocultas.

A iniciação é o esforço espiritual para o desenvolvimento da intuição e do seu correspondente sentido de clarividência.

Há duas espécies de iniciação: a dos mistérios menores e a dos mistérios maiores.

A primeira comporta um apanhado sintético das ciências elementares e dos princípios gerais, pouco definidos, do ocultismo.

A iniciação dos mistérios maiores, a grande iniciação, abrange a metafísica das ciências no seu grande desenvolvimento, assim como a prática da arte sagrada do Ocultismo.

Permite a iniciação a comunicação com altas entidades espirituais, o que é de grande importância para a Umbanda.

O neófito em estado de iniciação, precisa conservar-se retirado, isolado, tomar tempo para meditar, para instruir-se e, sobretudo, deve guardar segredo.

A iniciação abrange diversos graus, diversas categorias.

A primeira categoria, a de cambono, é a introdução na lei de Umbanda. Por ela o filho de terreiro passa a ser auxiliar do sacerdote, competindo-lhe cuidar dos médiuns ou «cavalos», quando em transe. Segue-se o grau de cambono colofé do terreiro. Nêle a pessoa é o ajudante do ogan de terreiro. Aprende a cantar para todos os orixás e a abrir o terreiro.

O próximo grau é o de ogan de terreiro, devendo antes submeter-se a uma prova para sua obtenção. O portador dêsse título executa as ordens dadas pelo babalaô. Após sua confirmação é

familiarizado com todos os ritmos no tambor e é premiado com o título de ogan de atabaque.

No próximo grau, no de instrução para ogan colofé, o filho de terreiro faz-se conhecedor de tôdas as ervas, dos pontos riscados e seus efeitos, das comidas dos santos, aprendendo também a usar a faca no sacrifício de animais. O ogan colofé, por sua vez, é o único ao lado do babalaô, que tem o direito de sacrificar animais.

A última etapa da iniciação é a de babalaô ou babalaorixá. Deve conhecer todos os mistérios de Umbanda, sua doutrina e seu ritual. Sômente após ter passado por diversas provas, é confirmado pelos babalaôs de outros terreiros. Recebe todos apetrechos da seita, o que lhe confere o direito de abrir outro terreiro. Como babalaô pode também adotar o nome de seu orixá protetor. Quando morre um babalaô ou qualquer outro membro do terreiro, realiza-se a cerimônia fúnebre do vumbi (espírito, alma).

O féretro é colocado no centro duma sala, celebrando-se então uma espécie de missa de corpo presente. Ao ser conduzido para o campo santo, o ataúde é levado sete passos para a frente e três para trás, durante todo o percurso. Ao descê-lo à sepultura, descem e içam-no três vêzes, antes de depositá-lo no fundo. Na casa do morto o ritual ainda continua por sete dias. Passado êsse tempo, todos seus pertences ligados ao culto são reunidos, sendo que o jôgo dos búzios indica o destino a lhes dar.

Em muitos terreiros há na entrada um pequeno abrigo, no qual se encontra o otá, símbolo de Exu. Na abertura do terreiro, é preparado um ebó ou despacho, o qual é levado a uma encruzilhada, para que Exu feche o caminho aos maus espíritos que poderiam perturbar os trabalhos do terreiro. Êsse despacho não deve ser confundido com as macumbas, que são deixadas nas encruzilhadas ou num campo aberto para transmitir um mal de uma pessoa a outra ou para prejudicar alguém.

Para abrir o terreiro saúda-se em primeiro lugar a Exu. Depois são cantados os pontos dos outros orixás.

Durante a cerimônia os cabeças do terreiro permanecem no pegi, a área do altar, enquanto os demais se conservam no terreiro pròpriamente dito.

Tôdas as pessoas são defumadas antes de iniciar os trabalhos. O preparo do defumador requer o conhecimento de certas plantas e a ação que possuem sôbre o espírito.

As plantas, as ervas e as flôres devem ser consideradas como masculinas ou solares e femininas ou lunares. Tôdas têm características planetárias: há ervas e flôres que são influenciadas por Marte, pelo Sol, pela Lua, por Saturno, por Vênus, por Mercúrio ou por outros astros. O mistério, porém, consiste em defini-las e identificá-las como plantas lunares ou solares.

Tôdas as plantas que tenham um perfume ativo, forte e agradável são consideradas plantas solares; enquanto que tôdas que tenham pouco odor ou perfume desagradável, ou mesmo não te-

nham perfume algum, são consideradas lunares. As plantas solares devem ser colhidas somente de dia e as lunares, à noite. Conservam assim as vibrações solares ou lunares, preservando a vitalidade integral da energia que as alimentou.

Assim sendo, quem nasceu sob um signo masculino deve ser defumado por um defumador de caráter solar. O defumador do que nasceu sob um signo feminino deve ser, respectivamente, de caráter lunar.

O defumador só pode ser preparado por pessoa versada no assunto, para não prejudicar o desenvolvimento espiritual durante os trabalhos.

O **otá** é o símbolo do orixá. Esse é característico ao orixá e deve ser apanhado nos lugares correspondentes ao mesmo.

Os otás são, em sua maioria, pedras de minério. A eles são consagrados os amassis ou, em outras palavras, oferendas de água ou de sangue. Só depois de consagrado, o minério passa a ser otá. Há sempre uma pessoa encarregada de zelar pelo mesmo. Os otás permanecem debaixo ou afastados do altar, onde se encontram santos católicos.

Os santos ou orixás têm as suas comidas preferidas.

Essas **comidas de santos** são preparadas por uma cozinheira especializada, que conheça os manjares do rito africano e saiba seu preciso significado.

As comidas de santos são servidas durante os trabalhos no terreiro. Sobre um alá, um pano de côr correspondente a cada orixá, riscado com os pontos característicos do reverenciado, é oferecida a comida. As pessoas determinadas pelo babalaô a comer assentam-se em frente aos pratos até ser dado devido sinal, após o qual inicia-se a cerimônia, acompanhada pelo toque dos atabaques. Come-se sem falar nem rir.

Cada orixá tem animais de sacrifício próprio, bem como suas côres simbólicas.

Quando um filho de santo está doente ou moribundo, transfere-se sua doença a algum animal. Por meio do jôgo dos búzios pede-se o consentimento do orixá.

Ao passar a doença ao animal é êste em seguida sacrificado. Fala-se aqui da **troca de cabeça**.

Pontos riscados são desenhos alegóricos relativos a cada orixá ou ser espiritual. São traçados a pomba ou giz, podendo somente ser riscados pelos babalaôs, que são obrigados a conhecer os pontos de todos os orixás. Por meio deles são chamadas as falanges dos santos e os diversos orixás. Produzem efeitos químicos astrais, uns de hostilidade, outros de afinidade.

Em combinação com os pontos riscados sempre há os cantados. Os verdadeiros **pontos cantados** são uma prece ou hino de força e ligação fluidica astral das entidades. São acompanhados pelo bater das palmas e pelo tocar dos tambores.

O **bater das palmas** provoca, invariavelmente, grande excitação anímica. As mãos são os instrumentos pelos quais se proces-

sam os passes e as curas. Pelas mãos, especialmente, é que se dá e se recebe, quer se receba da corrente de energia cósmica, quer se receba dos fluidos magnéticos das entidades espirituais. São elas bons meios condutores.

Com o bater das palmas a pessoa choca violentamente uma mão contra a outra o que excita tôda a corrente do sistema neuro-sensitivo. Em consequência disso todo o psiquismo da pessoa se altera. Dentro dessas condições é que se vêem os médiuns pularem e se contorcem com o santo. Para excitar ainda mais, há o acompanhamento dos tambores ou atabaques, um conjunto de três tambores de madeira do mesmo diâmetro, variando de altura.

Os tambores, nos primitivos cultos afros, eram instrumentos mágicos. Os segredos mágicos, entre os quais conta-se também o do preparo dos tambores, eram transmitidos de sacerdote a sacerdote pela tradição oral. Hoje em dia não existem mais terreiros, em que se conheça um tambor preparado por aquêle rito antigo.

São, pois, os tambores existentes, altamente prejudiciais, visto que facilmente passam a atuar, como médiuns, pessoas que o desejam ser, ou que dizem que «receberam o santo».

Quando uma pessoa recebe uma graça qualquer de um orixá ou tiver cometido algum erro, recebe uma missão a cumprir. Essa missão é determinada pelo jôgo dos búzios e varia muito, conforme o caso individual. Pode consistir em dar uma festa em honra de algum orixá, em vender doces, ou mesmo em fazer boas ações. Faz-se então o bem sem saber a quem e sem dizer de onde vem. Quem freqüenta o terreiro tem suas roupas rituais.

As mulheres usam roupas baianas brancas, ou coloridas, sendo nesse caso observadas as côres de seus orixás. Importante é o pano da costa, que é estendido no chão, ao receberem ou saudarem algum orixá.

O homem usa roupa branca, tendo ao pescoço uma toalha branca, bordada com os pontos do orixá protetor do terreiro.

A indumentária dos chefes de terreiro os diferencia dos demais membros.

Nos terreiros têm uso difundido as guias ou colares. Existem as de uso externo ou religioso, geralmente compostas de contas de vidro, que exercem somente uma atração sugestiva ou atrativa e não emanam nenhuma força ou corrente cósmica.

Outras há que são colares planetários para uso interno ou mágico. São confeccionadas com cuidados especiais, relacionadas com o signo ou planêta da pessoa que as porta. São preparadas ao som de orações ou rezas bem definidas, nunca se utilizando contas de vidros, mas sim, certas favas, raízes ou outros objetos nativos do mar e da mata.

Essas guias são verdadeiros talismãs, que defendem seus portadores contra qualquer mal exterior.

O número de guias depende do adiantamento do iniciado. O babalaô usa as guias de todos os orixás, cruzadas sôbre o peito e as costas.

Outro objeto ao qual se atribui virtudes magnéticas é o amuleto usado não só pelos umbandistas. Para o uso do amuleto não importa o grau de cultura do devoto, nem sua condição social, nem mesmo sua posição no terreiro.

A sua fabricação original obedece a um ritual complicado. Os amuletos são tirados das árvores sagradas, que são, para os umbandistas, a gameleira, cajazeira, arruda e outras árvores, dando-se-lhes forma de figas. Em uma cerimônia são então preparados contra os males que andam na terra.

Mas nem todos os amuletos são de uso pessoal. Há também os chamados de cambiá. São enterrados na entrada dos portões ou jardins, ou pendurados atrás das portas.

O **jôgo dos búzios** constitui mironga, isto é, segrêdo. Mesmo o umbandista iniciado não está ao alcance completo do conhecimento do jôgo dos búzios. Era um dos maiores segredos africanos.

Muitas pessoas que ocupam elevado grau na hierarquia do terreiro, jogam os búzios apenas por intuição, desconhecendo as verdadeiras regras.

Os búzios são contas de conchas do mar. O essencial na prática do jôgo dos búzios é o conhecimento perfeito das configurações que as conchas formam, ao serem lançadas. As configurações que os búzios formam ao caírem são provocadas sob influência da força espiritual do orixá. Na ocasião do lançamento pronunciam-se as palavras sagradas, próprias ao culto.

Os búzios levam também nomes de orixás. Têm seu sexo definido, o que só entendidos no assunto podem explicar. O número das contas varia conforme a intenção do crente. Os búzios são consagrados pelas mesmas cerimônias devidas aos otás.

Cada terreiro tem seu próprio jôgo dos búzios, com nome próprio para cada conta.

A finalidade do jôgo dos búzios é, entre outras, a de resolver os problemas dos filhos do terreiro. É uma maneira do babalaô conversar com o anjo da guarda do consulente.

Essa consulta é irrecusável, pois constitui um direito do filho de santo. Mas a desobediência às determinações dadas por meio do jôgo dos búzios produz efeitos imprevisíveis, não sendo aconselhável que o umbandista recuse cumprir a vontade do orixá. O babalaô deve usar os búzios e interpretá-los com sinceridade, e não tentar enganar o seu cliente. Se o fizer, não engana o consulente em si, mas o anjo da guarda do mesmo. Esse procedimento acarretará graves prejuízos ao babalaô.

O jôgo dos búzios é feito em combinação com os pontos riscados do orixá do terreiro ou com os do orixá protetor do consulente. Só tem direito de jogar os búzios, quem tem força espiritual dentro da seita ou licença especial do seu babalaô.

5 — A MEDIUNIDADE

A mediunidade é o dom que pode possuir um ser humano de prestar-se a intermediário entre o mundo invisível e o mundo visível. O médium é o canal por que nos podemos comunicar com o além. A mediunidade não é uma graça súbita que o indivíduo recebe. Deve antes ser manipulado nas condições morais e energéticas, para receber um acréscimo de fluidos vitais e apropriados à manifestação da dita mediunidade. A mediunidade real vem controlada pelos espíritos elevados. São entidades responsáveis, da envergadura de caboclos e pretos-velhos.

O médium tem contato mediúnicos ativado só em determinada idade, ou seja, entre 20 e 40 anos.

Na verdadeira mediunidade há duas fases de incorporação: a inconsciente e a semi-inconsciente.

A primeira é rara. Nela o médium prevê os contatos de aproximação de seu protetor, antes de ser dominado completamente nas suas partes psíquicas, sensorial e motora. Os sinais de aproximação que nota são sempre os mesmos, ou seja: tremores fluídicos ou sensibilidade exaltada em certas zonas nervosas e, sobretudo, a sensação de que vai adormecer súbitamente.

A fase semi-inconsciente dá mais certeza e mais confiança ao aparelho ou médium. Nessa fase ocorrem os mesmos sintomas como na anterior. A diferença consiste em que o médium não tem domínio sobre os movimentos de seu corpo e membros, mas ainda sinta os mesmos. Para exemplificar: A entidade incorporante poderia usar a mão do médium para dar um sôco numa parede e este não teria força para frenar a mesma.

Para que um médium sempre esteja em boas condições mediúnicas é necessário que observe três pontos importantes:

1 — Conservar sua saúde psíquica, vigiando seu aspecto moral.

2 — Não manter convivência com pessoas más, viciadas ou invejosas. Isso é importante para o equilíbrio dos seus próprios pensamentos.

3 — Zelar por sua saúde física, com uma alimentação racional e equilibrada.

A Umbanda tem dificuldade em discernir o médium verdadeiro do médium que pensa estar transmitindo ordens de uma entidade superior. Uma forma de identificação visível e palpável, é o sinal do sêlo mediúnico.

O verdadeiro médium o traz sobre a palma de sua mão esquerda. Esse sêlo mediúnico pode surgir em dois aspectos: simples ou conjugado, também chamado completo.

No aspecto simples surge representado por um triângulo isosceles, formado por linhas ou sulcos debaixo do polegar esquerdo, na zona dita como «monte de Vênus». Esse sêlo traduz apenas a parte identificadora da condição mediúnica, isto é, da faculdade mediúnica em si.

O aspecto completo, também denominado sêlo conjugado, só é conferido aos médiuns iniciados pelo astral e que têm os contatos mediúnicos positivos. Esse sêlo aparece da mesma forma que o outro, só que sua configuração não é triangular, mas, sim, tem a formação de um triângulo dentro de um quadrilátero. Com o sêlo mediúnico assim disposto, sabe-se que o médium tem importante missão sobre um meio ou coletividade.

6 — SINCRETISMO

O negro importado da África teve que se ambientar em seu novo meio, não só em seu modo de vida, mas também em sua religião. Chegando ao Brasil, foi desde o início catequizado pela Igreja Católica. Essa tarefa era favorecida por leis do Estado, que o obrigavam a adotar o Catolicismo.

Habitado a sua religião fetichista e obrigado a adotar uma nova, ficou, enfim, com duas crenças. Aparentemente aceitou o Catolicismo pregado pelos missionários, mas, na incapacidade psicológica da abstração e na incompreensão do monoteísmo, incorporou o Catolicismo no seu sistema mítico-religioso, onde os orixás foram confundidos com os santos da nova religião. O fetichismo somente foi substituído pelo Catolicismo, de modo que os orixás unicamente passaram a mudar de forma exterior. Por trás das imagens católicas e debaixo dos altares escondiam-se os deuses e as divindades da religião fetichista. Os negros adotaram essas imagens católicas e passaram a cultuá-las. Mas, na verdade, sob as invocações dos santos do Catolicismo adoravam representantes da divina côrte africana. Assim, despistavam a vigilância cristã. Não realidade conservavam vivo o seu apegado fetichismo.

Graças a essa força sincrética, cada orixá corresponde a um santo do agiologio católico. Hoje em dia observa-se que o santo do Catolicismo é venerado com a mesma devoção como a divindade negra correspondente.

Por exemplo: adoram a Oxun do mesmo modo que adoram, conforme os princípios católicos, a Nossa Senhora do Carmo. Enquanto demonstram o seu fervor religioso com pedidos a Oxun, fazem suas promessas, cheias de esperanças, a Nossa Senhora do Carmo.

Na teogonia de Umbanda o maior dos santos, identificado também com o Pai Eterno, ou seja, Deus, é Olorum. Seguem-lhe Obatalá e Oxalá, que junto com Ifá formam uma trindade ou tríade. Nessa trindade divina de Umbanda, Obatalá representa as energias criadores da natureza, o princípio masculino e o princípio feminino. Oxalá é o filho de Deus, o Cristo Jesus. Esse preside a regeneração, a transformação, o aperfeiçoamento, o sacrifício e os atos nobres. Ifá corresponde ao Espírito Santo, à revelação. Preside às relações sexuais, ao parto, às adivinhações, ao futuro e à vida. Não tem imagem material.

Xangô, o orixá dos reis, dos nobres, dos grandes, dos justos, dos leais e dos bons é sincretizado com São Jerônimo.

Ogun, o orixá das lutas e das guerras corresponde na Bahia a Sto. Antônio, enquanto que no Sul do País é identificado com S. Jorge. O sincretismo com êsses dois santos se explica pelo facto de ambos serem guerreiros do Flos Sanctorum católico.

Oxóssi, a divindade dos caçadores, identifica-se na Bahia com S. Jorge e no Sul do País com S. Sebastião.

Omolu, por uns considerado orixá malfazejo, por outros o médico dos pobres, é sincretizado ora com S. Roque, ora com S. Lázaro, ora ainda com S. Bento. Nos terreiros de Pernambuco e Alagoas é conhecido como S. Sebastião. Isso se explica pela ligação que o orixá tem com as doenças e pela invocação que se faz a S. Sebastião como defensor contra doenças contagiosas.

Ibêji, o orixá dos gêmeos e patrono das crianças é confundido com S. Crispim e S. Crispiano em alguns lugares do Brasil e com S. Cosme e S. Damião em outros.

Iemanjá tem o sincretismo mais forte com N. S. da Conceição. No mais também é conhecida por N. S. do Rosário, N. S. das Candeias, ou ainda por N. S. da Piedade.

Iansã, mulher de Xangô, corresponde a Sta. Bárbara.

Oxun é identificada com N. S. do Carmo e com a Sta. Catarina. Exu é geralmente identificado como diabo, identificação que já se havia processado na África. Em alguns terreiros também é tido como uma espécie de anjo rebelde.

7 — QUE E' UMBANDA?

Após esta exposição do ritual e da doutrina de Umbanda resta ainda procurar definir numa forma apreciável o que seja essa seita.

Diz a doutrina de Umbanda, que a palavra Umbanda foi revelada por espíritos de caboclos e de pretos-velhos, e não criada pelos humanos, servindo como tal de bandeira ao movimento umbandista. A sabedoria divina, como consta, achou por bem processar um movimento nôvo dentro dos cultos africanos, sincretizados com os cultos ameríndios, com o catolicismo e espiritismo, canalizando-os para uma nova corrente, que veio a ser denominada Umbanda. O dicionário de Umbanda define esta palavra como sendo «a mais alta expressão da Magia Universal em direção e caminho da perfeição e Sabedoria Divina».